

Contribuições das epistemologias do sul para o ensino de biogeografia(s)¹

Ivan de Matos e Silva Junior²
Rosiléia Oliveira de Almeida³

Introdução

Compreender a produção do saber biogeográfico como construção humana, intercultural, histórica e epistemologicamente comprometida com projetos de mundo, ajuda a sublinhar a ocorrência de biogeografias para além da fronteira científica. Ao mesmo tempo, versá-la enquanto saber científico, apoiado na noção de ciência enquanto atividade humana (FOUREZ, 1995), comprometida com valores e formas específicas de relação com o mundo, é admitir que a ciência não é neutra, e que, ao reconhecer o mundo como algo externo, povoado de dados a serem descobertos e formatados pelas leis, assume a tarefa de identificar as causalidades nas regularidades e variações de distribuição da biodiversidade. Diante desse quadro de superioridade epistemológica do saber científico biogeográfico e da necessidade de abordagens que assinalem a diversidade epistemológica do mundo (SANTOS; MENESES, 2010), o presente trabalho assinala as contribuições da interculturalidade crítica (CANDAU, 2008) e sua filiação às Epistemologias do Sul no processo de descolonização epistêmica no ensino de

¹ Trabalho apresentado no GT 04 – Perspectivas epistemológicas, vivências e outras racionalidades: implicações e desafios para o fazer científico contemporâneo.

² Professor de Biogeografia do Departamento de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Mestre em Geografia. Email: ivan.matos@ifba.edu.br

³ Professora Adjunta do Departamento de Educação II da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Doutora em Educação. Email: roalmeida@ufba.br

biogeografia, bem como os desafios para o ensino de biogeografias na educação superior em geografia. As Epistemologias do Sul, campo de estudos proposto por Boaventura de Sousa Santos e amplamente difundido por colaboradores que compartilham dessa abordagem (QUIJANO, 2010; NUNES, 2010), retoma o debate sobre o processo de invisibilização do contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento, implementado pela epistemologia dominante, ao passo que apresenta as reverberações desse processo na produção do conhecimento, lançando as bases que tornam visíveis outras formas de saber historicamente subalternizadas. Dentre alguns resultados do presente estudo em nível de doutoramento em Ensino, Filosofia e História das Ciências, identificou-se a potencialidade das Epistemologias do Sul, como forma de fomentar uma agenda de pesquisa em biogeografia e em ensino de biogeografia que valorize o diálogo entre ciência e outras formas de saber, uma vez que sua epistemologia sempre esteve comprometida tão somente com cosmovisões científicas.

A biogeografia na perspectiva pós-abissal: por uma ecologia de saberes

Ao se admitir a Biogeografia na condição exclusiva de conhecimento científico, reconhece-se que os aportes teórico-conceituais que a definem como saber científico são tributários dos saberes que foram e são invisibilizados pela história; saberes tradicionais que a formaram e que, no processo de apropriação, foram qualificados como científicos, a partir de um tratamento sistemático e racional da ocorrência geográfica dos agrupamentos vivos. Reconhecendo esse fato histórico de obliteração epistêmica de saberes, os estudos recentes apontam a problemática da colonialidade enquanto projeto de invisibilização de outras formas de habitar a Terra, ao mesmo tempo em que aposta na

decolonialidade como estratégia de reconhecimento e empoderamento de outras maneiras de ver, sentir e estar no mundo, numa postura de diálogo de saberes, em que as diferenças sejam problematizadas horizontalmente.

Assim, numa proposta decolonial do saber, as epistemologias do Sul encontram abrigo e assinalam uma infinidade de experiências que foram e são invisibilizadas, qualificadas, por sua vez, sob o domínio daquilo que se costuma nomear como atrasado e ininteligível. As únicas experiências levadas em conta nessa perspectiva ficam circunscritas ao raio antropocêntrico da lógica do progresso, apoiada na apropriação privada da natureza de forma unilateral e predatória (PORTO-GONÇALVES,2006). Como forma de decolonizar o saber biogeográfico, propõe-se o termo biogeografias do Sul. Esse conceito, por sua vez, pode sugerir, numa primeira aproximação, que tal formulação teórica esteja associada à diversidade da ocorrência da vida animal e vegetal em nosso planeta, especialmente nas terras emersas (continentes e ilhas) abaixo da linha do Equador. Embora se admita a diversidade de sua ocorrência no Sul geográfico, expresso altitudinal quanto latitudinalmente, bem como do ponto de vista da maritimidade e da continentalidade, dentre outros fatores climáticos, a diversidade aqui assinalada e problematizada apresenta-se em sua vertente epistemológica.

Desse modo, ao explicar a ocorrência da vida tanto ao Norte quanto ao Sul Global, a ciência biogeográfica precisa apoiar-se em pressupostos epistemológicos que orientem e, portanto, conduzam suas práticas de pesquisa a determinadas formas de explicação/compreensão do mundo vivo em sua espacialização. Além disso, a diversidade de biogeografias no âmbito da ciência é amplamente conhecida e reconhecida por seus praticantes, expressa por uma infinidade de conceituações e aportes teórico-metodológicos de vários ramos científicos (EBACH, 2015). A despeito do reconhecimento

de sua diversidade na ciência, amplamente conhecida por seus praticantes, a formulação teórica que se apresenta aqui como biogeografias do Sul corresponde a uma linha de investigação que se preocupa em problematizar as inúmeras formas de compreensão da espacialidade animal e vegetal, advindas de povos originários ou tradicionais, bem como a tradução intercultural (SANTOS, 2010) entre estes saberes e os conhecimentos científicos, numa perspectiva de ecologia de saberes.

Como é usual o emprego de terminologias científicas no tratamento das análises biogeográficas, a possibilidade de pensar em outras formas de explicar o mundo vivo em sua espacialidade para além da ciência pode gerar incompreensões e dúvidas, uma vez que, inevitavelmente, existirá um esforço de tentar compreender tais formas de compreensão do mundo vivo em sua espacialidade pelo exercício da comparação. Nesse exercício, o foco será, inevitavelmente, identificar características, em suas formas de compreensão, que se assemelham com os praticados pela ciência, captando do outro saber aquilo que se enquadra na prática científica, desperdiçando qualquer experiência que não se enquadre nesse domínio.

Na biogeografia, campo multidisciplinar que estuda a geografia animal e vegetal, esse panorama abissal da produção do conhecimento apresenta-se em versão agudizada. Desse modo, a proposta das biogeografias do Sul, inspirada nas epistemologias do Sul (SANTOS, 2010) intenta visibilizar experiências que foram subalternizadas e produzidas como inexistentes na retórica das práticas de ensino e pesquisa em biogeografia. Desse modo, embora as biogeografias do Sul filiem-se, explicitamente, aos estudos e pesquisas no campo do interculturalismo crítico, abrigam outras experiências que assinalam outras formas de habitar o mundo para além das distinções entre natureza e cultura.

Um regime abissal de produção de conhecimento em biogeografia, que se atesta nos espaços acadêmico-científicos, é aquele que comunga da ideia de natureza como externalidade, dotada de processos que podem ser expressos de forma estatística e modelarmente em infográficos e recursos geotecnológicos. Desse modo, não seria apressado afirmar e até mesmo acusar a biogeografia como um tipo de conhecimento que reproduz o modo de pensar que aufere a ciência como única forma de interpretar o mundo, numa condição em que, ao assumir uma postura que reforça as diferenças verticais, são negadas as diferenças horizontais; o que confirma a filiação da biogeografia ao pensamento abissal, uma vez que oblitera qualquer experiência para além do território da ciência, reforçando, assim, um processo de invisibilizações e de hierarquização entre saberes. Portanto, discorrer a biogeografia nessa perspectiva abissal é descortinar a epistemologia e as inúmeras teorias e conceitos que ajudaram a assentar aquilo que é biogeográfico do que não é. Como forma de superar essas diferenças verticais por um processo de horizontalização das diferenças, uma biogeografia pós-abissal sugere a condução de estudos que instituem a diversidade epistemológica do mundo, orientados por biogeografias indígenas, quilombolas e de demais povos originários.

Propor ou construir, de forma colaborativa, um projeto de uma biogeografia informada pela decolonialidade epistêmica demanda, a priori, um exercício individual de abertura à diversidade, não apenas reconhecendo-a, mas tornando-a como um hábito cotidiano na prática do ensino e da pesquisa. Não se trata de um exercício que venha obliterar o que se sabe ou se pratica na ciência, mas pondo-a em causa e em diálogo com outras formas de saber e saber fazer. Uma construção coletiva de currículos decoloniais em biogeografia não se faz em curto prazo, uma vez que as raízes do pensamento abissal têm historicidade e se fazem presentes ainda hoje.

Numa ecologia de saberes, as metodologias são construídas de forma coletiva e não se configuram, ou pelo menos não se espera que sejam qualificadas, como metodologias de intervenção, pois pode sugerir uma imposição. Desse modo, não se trata de uma investigação que se pretende ser universal, na medida em que se faz com e não sobre uma determinada realidade. Nessa tarefa, a tradução intercultural configura-se como instrumento que fomenta inteligibilidade entre as diferentes formas de conhecimento, promovendo a justiça cognitiva global (SANTOS, 2010).

Dado o estatuto da diversidade como condição *sine qua non* para a interculturalidade (CANDAU, 2009; SANTIAGO et al., 2013), uma questão merece um esclarecimento: por que o ambiente acadêmico incorporou a Biogeografia sob o prisma da diversidade de concepções da ciência e não enalteceu a visibilidade à diversidade de olhares de outros agrupamentos humanos, sobretudo tradicionais? Tal questão não pode ser respondida sob a égide de uma ciência como detentora da verdade, como único conhecimento qualificado digno de confiabilidade. A resposta está circunscrita nas relações de poder que ostentaram o prisma cientificista como condição de superioridade epistemológica na produção do conhecimento sobre o mundo, o que sugere a necessidade de novas abordagens em Biogeografia que apontem para o pluralismo epistemológico enquanto pluralismo cultural.

Considerações finais

Situar a produção do saber biogeográfico como construção humana, intercultural, histórica e epistemologicamente comprometida com projetos de mundo, ajuda a compreender a possibilidade de ocorrência de biogeografias para além da ciência. Assim, a proposta de diálogo de saberes pode auxiliar na revisão das atuais metodologias

de ensino de biogeografia(s), assumindo, sobretudo, a condição da convivência com epistemologias e saberes práticos que constituíram originalmente os fundamentos do pensamento biogeográfico. Isso sugere o fomento de uma agenda de pesquisa que incorpore a dimensão epistemológica nas aulas de biogeografia, ao mesmo tempo que sublinhe abordagens interculturais em diálogo com outros saberes.

Referências

- CANDAU, M. V. *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- CUNHA, M. et al. *Enciclopédia da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- EBACH, M. C. *Origins of biogeography: The role of biological classification in early plant and animal geography*. New York, USA: Springer, 2015.
- FIGUEIRÓ, A S. *Biogeografia: dinâmicas e transformações da natureza*. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.
- LEVIS, C. et al. Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. *Science*, v. 355, n. 6328, p. 925-931. 3 mar. 2017.
- ORMAETXEA, O. *La valoración de la calidad del paisaje vasco-atlántico por la población. Métodos para su consideración objetiva*. 302 p., 1995. Tese (Doutorado) – Universidad del País Vasco, Vitoria-Gasteiz, 1985.
- PORTO-GONÇALVES, C.W. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. P.84-130.
- SANTIAGO, M. C. et al. *Educação intercultural: desafios e possibilidades*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul
v. 2, n. 1, 2018.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez. 2010. p.31-83.